

Sindicatos já debatem o futuro

Cumprimento da Constituição, garantia do pleno funcionamento das instituições democráticas e continuidade na luta dos trabalhadores por mais liberdade e pelas transformações que o País exige, especialmente durante o processo da Assembleia Nacional Constituinte, é o pensamento predominante nas lideranças sindicais de Brasília, após a morte do presidente Tancredo Neves.

— É uma grande perda do mundo político, um vulto histórico que deixa um pouco de vazio neste País carente de homens públicos sérios. A perda é ainda mais grave neste momento difícil do Brasil, em que a população depositava na figura de Tancredo Neves grande esperança — comentou a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição. «O que se espera» — disse Maria José — «é que tudo aquilo que foi articulado por sua pessoa seja levado à prática, como apregoado em praça pública».

Para o presidente do Sindicato dos Odontologistas, Swedenberger do Nascimento Barbosa, a morte do presidente, «do ponto de vista médico» já era esperada, e acontece num momento difícil. «O processo institucional deve ir adiante, não é o momento daqueles que sempre foram contra os progressos democráticos tirarem disso qualquer proveito. O País deve continuar avançando, e os trabalhadores serão parte importante dessa caminhada. As necessidades populares estão aí».

O presidente do Sindicato dos Professores e da Cosui, José Liberio Pimentel, afirma que há um consenso de que «Tancredo Neves conseguiu sintetizar a vontade e os anseios do povo brasileiro. Conseguiu desarmar os espíritos e fazer a transição». Para Libério, «a morte dele é grande perda. Acredito que as idéias de democracia e liberdade vão continuar sendo postas em prática. Tancredo lutou muito, batalhou muito e nem sequer tomou posse. Mas não foi em vão. O Brasil hoje, se comparado ao Brasil de poucos meses atrás, é outro País. Agora, o povo terá que ter competência para continuar adiante, o povo, o País, os trabalhadores».

— Nesse momento, a nossa preocupação é dar garantia da continuidade da democratização — afirma o presidente do Sindicato dos Gráficos, Djalmir de Assis. «A morte de Tancredo já era esperada, dado o agravamento de seu quadro nos últimos dias». A democratização — segundo Djalmir — vai se dar de fato no processo de elaboração da nova Constituição. «Ter na Presidência da República José Sarney é intranquilizador» — comenta o presidente do Sindicato dos Gráficos. «Ele não tem o poder moral e as bases de fato de sustentação. A questão que se coloca no momento é a das eleições diretas para presidente. O presidente eleito nas diretas terá condições de democratizar o País. Sarney não representa garantia da democracia, pelo contrário, a possibilidade de retrocesso» — opina Assis.

O presidente do Sindicato dos Bancários, Augusto Silveira de Carvalho, ligado à Conclat, comentou que «é uma grande perda. Foi o estadista que o Brasil jamais teve. Pela grande esperança do povo brasileiro para redimir-se de todo seu passado de espoliação... Não apenas ele pessoalmente, mas pelos compromissos assumidos em praças públicas. Pelas palavras, pelo seu programa, o povo voltou a ouvir falar de liberdade. Apesar do processo espúrio pelo qual se elegeu, viu-se, na sua agonia, o quanto era diferente de Maluf, e só o povo entendeu o quanto era diferente. Mas o povo brasileiro, a classe trabalhadora em geral, está irremediavelmente comprometida a assumir a luta pelas transformações, pelas liberdades. Toda a campanha reacendeu a consciência do País espoliado por mais de 400 anos. O povo resgatou sua consciência política» — finalizou Carvalho.

— Esperamos que seja cumprida a Constituição, que as coisas corram normalmente, no que se refere ao respeito às instituições, à continuidade do processo de transição que interessa aos trabalhadores — declarou o secretário-geral da Central Única dos Trabalhadores (CUT) — seção Distrito Federal —, Jacques Pena, diretor do Sindicato dos Bancários.

— Aguarda-se agora que os objetivos que ele celebrou, as promessas feitas na campanha não sejam esquecidas — disse o presidente do Sindicato dos Arquitetos, filiado à CUT, Orlando Cariello. «Embora houvesse uma série de divergências sobre como fazer isso, os objetivos colocados por Tancredo Neves são os objetivos de todo o povo brasileiro. Cabe ao povo prosseguir na sua mobilização. Reorganizar sua participação, que deverá ser grande, em todo esse processo, especialmente da Constituinte» — concluiu o arquiteto.